

MODELOS DE CONTEXTO NA LEITURA DE SEQUÊNCIAS EM QUADRINHOS: DO NÃO VERBAL PARA O VERBAL

CONTEXT MODELS IN READING OF SEQUENCE IN COMICS: FROM NON- VERBAL TO THE VERBAL LANGUAGE

Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu (UERJ)¹

RESUMO: As sequências em quadrinhos (SQ) popularizam mais e mais as Histórias em Quadrinhos, cuja característica básica é a interseção entre o texto verbal e não verbal. A SQ é um gênero textual que, além de abrigar os dois diferentes tipos de linguagem, exigindo habilidades múltiplas de leitura, permite uma expansão do contexto cultural do leitor devido aos enredos desenvolvidos. Considerando essa conjuntura, o objetivo deste artigo é relacionar conceitos de interculturalidade e de letramento crítico aos conceitos de modelo de contexto e de frames, postulados por Van Dijk (2012). Assevera-se que esses modelos mentais são importantes para o processamento de leitura, pois possibilitam a concretização de nossas experiências de linguagem, acionadas em todas as ações linguageiras, tanto na oralidade quanto na escrita. Para a exemplificação, toma-se como base duas SQs, a fim de analisar os frames acionados pelo leitor para o entendimento dos textos. A seguir, demonstra-se que os recursos não verbais suscitam diferentes informações implícitas que acionam estes modelos de contexto. Os resultados parciais indicam a necessidade de entendimento da capacidade de abstração como fator importante para o processamento da informação, especificamente, para a compreensão das informações explícitas para as implícitas de um texto. Postula-se, por fim, que o conhecimento de mundo pode ser ampliado, considerando a importância da leitura e da escrita, bem como da ativação de partes relevantes deste conhecimento na interação sociocultural. O entendimento dos modelos de contexto pode embasar as alternativas metodológicas de elaboração de material didático de leitura para as aulas de língua materna.

Palavras-chave: Frames. Leitura. Letramentos. Modelos de contextos. Sequência em Quadrinhos.

ABSTRACT: Comic strings (SQ) popularize more and more the Comics, whose basic characteristic is the intersection between verbal and non-verbal texts. Specifically, SQ is a textual genre that, in addition to harboring the two different types of language, requires multiple reading skills, allows an expansion of the reader's cultural context, in general, due to developed plots. Considering this context, the aim of this paper is to discuss current

¹ Possui Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade de Colônia, Alemanha (2017). É Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992). Atua como docente na UERJ, desde 1985, no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira; desde 2003, no Instituto de Letras, tanto nos cursos de Graduação quanto nos de Pós-Graduação stricto sensu. Desde 2014 é Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Língua Portuguesa, Uso e descrição da Língua Portuguesa, Avaliações em Larga Escala. Tem experiência em diferentes Bancas Examinadoras, em processos seletivos e redação. Tem vários artigos e livros publicados.

concepts of applied linguistics, as intercultural and critical literacies relating them to the concept of context model and frames, postulated by Van Dijk (2012). It is asserted that these mental models are important for the processing of reading, as they enable the realization of our language experiences, triggered in all the language actions of which we are part, both in oral and in writing language. For the exemplification, two SQs are based on, in order to analyze the frames triggered by the reader to understand the texts. Next, it is shown that non-verbal resources elicit different implicit information. The partial results indicate the need to understand the capacity for abstraction as an important factor for the processing of information, specifically, for the understanding from the explicit information for the implicit one on the text. Finally, it is postulated that the subject's knowledge can be expanded, considering the importance of reading and writing, as well as the activation of relevant parts of this knowledge in sociocultural interaction. The understanding of the context models can support the methodological alternatives for the elaboration of reading didactic material.

Keywords: Frames. Reading. Literacies. Models of context. Comic Sequence.

Introdução

No mundo atual, as novas formas de comunicação tecnológica têm mostrado uma verdadeira explosão das imagens. Parece não ser mais possível vivermos sem a imagem, sem o não verbal. A mídia jornalística, por seu turno, não é diferente. Essa tem dado mostras de que o retorno enfático ao mundo da imagem é irrefutável, em especial, ao que se refere à imagem seriada – a arte sequencial, expressão criada por Will Eisner (1995). Em vista disso, jornais e revistas impressos têm-se dedicado a essa alternativa. Algumas reportagens foram quadrinizadas, porque é tendência internacional procurar uma forma diferenciada de relato das notícias, para chamar mais a atenção do leitor, para enfim envolvê-lo em seu objetivo maior. A opção pela imagem quadrinizada na

mídia jornalística representa o aproveitamento da força da imagem que substancia outros meios e suportes com os quais o leitor tem familiaridade. Essa tendência, inclusive, chega à edição das grandes obras literárias, que, polêmico ou não, têm sido também relançadas de forma quadrinizada, para agradar as novas gerações caracterizadas pela imagem, pelo instantâneo. Este é um fato da vida pós-moderna.

Importa dizer que essa modalidade de comunicação é considerada a “nona arte” e se constitui em poderoso meio auxiliar nos diversos segmentos de comunicação de massa. Além disso, por ser um texto do agrado das crianças e dos adolescentes, vem-se constituindo em um aliado nas atividades didáticas. De um lado, porque representa um manancial de leitura, por unir, em sua

constituição textual, as duas formas de linguagem, a verbal e a não verbal; por conseguinte, a leitura das informações explícitas e implícitas torna-se condição necessária para que o texto seja entendido de forma plena. Por outro lado, as temáticas abordadas perpassam temas das mais diferentes ordens, fazendo pensar em um fio condutor interdisciplinar. De acordo com SHIBAO (2012), do ponto de vista didático, afirma-se ser um gênero gerador de temas transversais, considerando a sequência narrativa e a temática desenvolvida naquela série ou história. Postula-se que, do ponto de vista teórico, há uma estreita relação entre SQ e os conceitos de interculturalidade e de letramento, sobretudo, devido às temáticas desenvolvidas.

Neste artigo, pretende-se analisar, à luz dos conceitos de interculturalidade e letramentos, algumas SQ, cuja quadrinização, em geral, é de três molduras, a fim de reconhecer os recursos não verbais como elementos essenciais para a compreensão das histórias em quadrinhos, além disso, deseja-se reconhecer a onomatopeia como exemplo entre a linguagem verbal e a não verbal. Para tanto, pretende-se discutir, também, a aproximação entre os

conceitos de Interculturalidade e de Letramento com o conceito de modelos de contexto, postulado por Van Dijk (2012).

Modelos de contexto

Em consonância com Van Dijk (2012), defende-se a premissa de que os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos, embora socialmente fundamentados, considerando as propriedades que para os enunciadores são relevantes em uma dada situação de comunicação. Entende-se que, na verdade, os contextos são modelos mentais, construídos nas experiências do dia a dia do falante. Por isso, podemos denominar de modelos de contextos. Esses modelos controlam muitos aspectos da produção e da compreensão de textos orais e escritos, ou seja, das diferentes situações de comunicação em que estamos sempre inseridos, porque não entendemos o outro de forma aleatória, mas a partir dos conhecimentos adquiridos nessas experiências de linguagem, vivenciadas em nosso cotidiano. Neste sentido, os participantes do discurso não estão, apenas, envolvidos em dizer, por escrito ou na fala, ou seja, não estão preocupados, apenas, em processar o

discurso, mas em construir os sentidos do que diz e do que está sendo dito, de forma *on line*. Essa construção do discurso está diretamente relacionada à informação presente na memória semântica, ou seja, ao conhecimento partilhado socioculturalmente. Assume-se que há diferentes visões sobre o tema. Defende-se, entretanto, que esse conhecimento sociocultural não precisa ser explicitado porque se trata de um conhecimento que o usuário de uma língua já tem, porque está inserido nas práticas sociais de linguagem. Ao produzir um texto, os interlocutores pressupõem, digamos, “conhecimentos de mundo” que têm. Os leitores constroem modelos mentais sobre os quais estão vivenciando (por meio da leitura ou por meio da fala), ativando partes relevantes desse conhecimento, e preenchem o modelo com a informação inferível. Este é um movimento cognitivo recorrente nos processos de comunicação. A questão é que, para quantificar o quanto desse conhecimento geral é acionado, depende do que cada um de nós armazena, pois esse armazenamento está estritamente ligado ao contexto, quer dizer, ao conhecimento de mundo que angariamos, a partir do ambiente, dos inúmeros conhecimentos do leitor, dos objetivos que tem no ato de comunicação, bem como seus

propósitos comunicativos. Isso ocorre, também, porque boa parte do aprendizado que fazemos em nosso dia a dia baseia-se em nossas experiências pessoais.

Desta forma, quanto mais experienciamos situações linguageiras, mais ampliamos nosso cabedal de conhecimentos de linguagem. Constitui-se, assim, uma condição *sine qua non* para o aprendizado da linguagem a experiência em situações de linguagem. Ainda que esta frase possa ser redundante, esta equação não pode ser desconsiderada nos processos de ensinar e aprender uma língua, seja uma língua estrangeira ou a própria língua materna, na formalidade da escola, que objetiva ensinar a língua escrita.

E’ nesta perspectiva, que o conceito de interculturalidade se constitui como básico quando se pensa em ensino de língua estrangeira. Pensar, entretanto, no conceito de interculturalidade nos leva a fazer uma reflexão sobre a dimensão histórica do que seja o diálogo intercultural. Para tanto, retomamos Román (2003) que distingue quatro perspectivas teóricas no que tem norteado a percepção das culturas e as relações interculturais: (i) o etnocentrismo universalista; (ii) o racionalismo absolutista; (iii) o relativismo cultural multiculturalista e

(iv) o cosmopolitismo. Para o autor, essas perspectivas são, ainda, vigentes na sociedade atual, o que traduz uma orientação preconceituosa no que concerne a diferentes culturas e, ao mesmo tempo, uma visão reducionista porque, em geral, há uma supervalorização de uma dada cultura em detrimento da outra. Não cabe aqui discutir o conceito de interculturalidade. O que se quer, proficuamente, ressaltar é que não é possível o pleno aprendizado de uma língua, o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, sem haver o desenvolvimento do que Van Dijk (2012) denomina de modelos de contexto. O aprendizado de línguas requer a expansão cognitiva dos modelos mentais, dos frames que são acionados na interação social, nas diferentes situações de comunicação. A visão conceitual defendida leva a um outro conceito muito importante ao se pensar em processos de ensino e de aprendizagem. Trata-se do conceito de Letramento.

Letramento

O conceito de letramento é muito mais amplo do que a noção histórica de habilidade(s) para ler e escrever. É medido em um continuum, não como algo que um indivíduo tem ou não tem,

mas como algo que está ligado às práticas sociais de linguagem e por isso pode ser plenamente desenvolvido. É entendido como a capacidade dos/das estudantes de extrapolar os conhecimentos adquiridos na escola e aplicarem seus conhecimentos em novas situações, bem como usarem sua capacidade para analisar, justificar e comunicar efetivamente, bem como resolverem e interpretarem toda a sorte de problemas em variadas situações. Diz respeito, portanto, às práticas sociais em que estamos incessantemente inseridos. O desenvolvimento do letramento é um processo que ocorre ao longo de toda a vida. Logo, não se consuma na escola ou somente por meio da aprendizagem formal. Realiza-se por meio de interações com os pares, na vida e, nos diferentes contextos sociais em que estamos inseridos, o que nos respalda a afirmar que a condição do letramento já está desenvolvida antes de o estudante entrar na escola. Não se pode pretender que um jovem, ao fim da escolaridade básica, ensino médio, tenha adquirido todos os conhecimentos de que necessitará ao longo da vida. A função da escola é fornecer bases sólidas para seu aprendizado, para que, ao longo da vida possa fazer as relações de que necessita, tomando como ponto inicial o

conhecimento que armazena em seus modelos

Por isso, é crucial a escola (re) conhecer o que precisa, o que deseja ensinar e como fazê-lo, para que fazê-lo, tendo como pressuposto, para todas as áreas de conhecimento, o desenvolvimento da linguagem, como eixo cognitivo necessário para o desenvolvimento humano. Um bom exemplo é a leitura em que se materializa o entendimento de diferentes textos. As sequências em quadrinhos possibilitam este entendimento e essa ampliação de modelos mentais, como uma das opções disponíveis.

Ao iniciar seu processo de alfabetização escolar, a criança já é capaz de utilizar a linguagem com função comunicativa, isto é, como instrumento de expressão e compreensão de significados ou de conteúdo. Essa competência linguística é adquirida naturalmente, durante o processo de socialização, implicando no domínio de uma série de regras gramaticais, utilizadas de forma não consciente, que orientam a atividade linguística espontânea da criança, isto é, o seu desempenho linguístico na modalidade oral da língua. A consciência dos usos da modalidade escrita da língua é muito importante e exige um grande esforço por parte de quem ensina e por parte de quem aprende. Passamos a

Cidade de Goiás, vol. 3, n. 1, p. 70-84, jul./2020

analisar algumas sequências em quadrinhos para ilustrar o exposto até aqui.

Análise de textos do gênero sequência em quadrinhos

O grande sucesso das SQ está centrado no reconhecimento do potencial comunicativo concentrado na simbiose dos aspectos verbal e não verbal que levam o leitor, necessariamente, a uma leitura que exige a relação entre a explicitude das informações do texto e a implicitude das informações que ocorre, em geral, não só no verbal, mas também, na riqueza existente no não verbal deste gênero textual. Sem este conhecimento é muito difícil para o leitor entender plenamente esse texto. Logo, a SQ não é, como pode parecer, um texto fácil, um texto de “brincadeira”.

Dessa forma, em revistas destinadas a públicos variados, a SQ – uma história em quadrinhos constituída de número reduzido de quadros – tem tido a função de surpreender o leitor sobre a própria temática específica- condutora da produção desses suportes. Essas SQ pontuam, por meio de ironia, crítica, humor, reflexões sobre modos de agir daquele espaço- vivência. É um gênero com o qual as pessoas se deparam e podem ser tomadas por estranhamento por não terem percebido, ou não terem

verbalizado, até aquele momento, o foco temático da SQ. Num primeiro momento, esse gênero pode provocar descontração por meio do riso; em momentos seguintes, também, pode instigar a considerar o viés, por exemplo, da intencionalidade do emissor- o propósito maior por ele intentado – que subjacentemente ali se projeta na constituição de um discurso. É para esse viés que o olhar crítico de um leitor deve se voltar. É para esse fim que o gênero SQ pode e deve ser trabalhado na escola básica.

O quadrinista tal como um cronista transforma fatos do cotidiano em imagens que vão revelando facetas e façanhas do ser humano. A proximidade temática com os denominados temas transversais revela a atualidade temática dos quadrinhos, gênero oficializado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Em sua curta estruturação, tem apreendido e registrado, com rapidez, situações vividas pelo Homem em dado momento sociohistórico, característica que promove as interações em horizontes diversos.

Moya (1977) afirma que “O pato Donald assim escrito, neste livro, é uma coisa. Escrito em japonês, hieróglifo, ídiche, inglês, italiano, francês, é algo diferente em cada lugar do mundo, mas a simples

visão de sua figuração gráfica quebra tudo e transforma o mundo todo numa aldeia só”.

Para salientar a atualidade temática de SQ, selecionou-se uma publicação estrangeira e outra brasileira. A primeira tira é da famosa personagem Mafalda, criação do cartunista argentino Quino, conhecida por suas opiniões críticas, que revelam sua postura frente ao mundo sobre os mais variados assuntos.

Exemplo 1



Quino, Toda a Mafalda. Martins Fontes, 2010.

Embora seja um personagem inserido em outro contexto sociohistórico, ainda que seja uma publicação argentina, não há qualquer estranhamento para o leitor no tema discutido no diálogo entre os dois personagens, por ser um tema universal, a que podemos denominar transversal. Esse entendimento existe porque acionamos, como leitores, nossos modelos de contexto, a partir do conhecimento de mundo que temos.

O início da SQ denota a existência de uma conversa em curso, com a presença de dois personagens e o balão- fala, comprovada pela fala – “Tem razão,

Mafalda.”, proferida pela personagem à esquerda, cujo balão a ela está dirigido. A linguagem não verbal marca uma gradação na expressão fisionômica da personagem Mafalda, que demonstra sua concordância com o que a interlocutora está falando. O tema trata de uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade atual, comparando o papel da mulher moderna com a função da mulher do século passado. A crítica social pode ser concretizada na sequência de gradação na expressão da personagem cujo clímax está no último quadrinho, em sua expressão desolada, ao ouvir a fala de sua interlocutora, que desdiz o discurso progressista, enunciado nos três primeiros quadrinhos marcados pelo campo semântico da negação (do passado): “mães se conformavam”; “geração diferente “e “ não vou cair na mediocridade”.

Exemplo 2



Por seu turno, o exemplo 2 que trata do mesmo tema do exemplo 1, a função da mulher na sociedade, de estrutura bem diferente daquela SQ, também, traz uma crítica. Postula-se que, na verdade, há

duas críticas: ao dever da mulher para as atividades domésticas que sempre pautou a função da mulher na sociedade e a reversão desse quadro, tema do exemplo, agora, numa situação infantil, de brincadeira, mas também, de “exploração de mão de obra”.

O leitor consegue entender o texto, as suas entrelinhas, muito mais pelo não verbal, marcado, também, pela expressão fisionômica de ambos os personagens. A Monica, personagem feminina, se espanta com a cena que vê. Ela está fora da moldura. Ao adentrar a cena, está desolada com a reação de seu amigo Cebolinha. O segundo quadrinho “desvenda o mistério” para o leitor e a cena, a imagem, mais do que as palavras, diz tudo.

Ambas as sequências, nas formas icônicas selecionadas, correspondem à ordem natural de eventos, o que ajuda a dimensionar o sentido projetado: a proposta –reflexão sobre a mulher e seu papel na sociedade. Afirmar-se que não é possível desbravar totalmente este texto para seu pleno entendimento sem que o leitor acione seus conhecimentos arquivados cognitivamente. O entendimento inicial está ancorado nas experiências vivenciadas nas práticas sociais cujos modelos são mentais, acionados quando necessário nas interações, sempre balizados no palco

textual, quer seja verbal, não verbal ou oral.

Importa assumir serem tais especificidades de leitura no que tange à interseção da imagem e do verbal um aspecto importante, quando se pensa na formação da proficiência do leitor. A reflexão a ser feita é de que a SQ deve ser entendida como uma enunciação e, como objeto de leitura, é fundamental para capacitar o estudante, habilitando-o para a leitura da implicitude do texto. Além disso, torna-se imperativo, dada a importância que ganhou no fim do século passado, reconhecer a imagem como fator preponderante para o entendimento do entorno, do social, na sociedade moderna.

Para o entendimento de um texto, portanto, não é suficiente, apenas, acionar o conhecimento da língua, a que passo a denominar conhecimento linguístico. É necessário acionar o conhecimento discursivo que se revela na inserção do contexto sociocultural. Para Fillmore (1985), frames são modelos semânticos de representação da compreensão do sentido, ferramentas com as quais organizamos os sentidos ativados e construídos nos processos contextualizados de produção e de interpretação. Van Dijk (1992), por sua vez, relaciona a noção de frame com os

modelos estratégicos de modelagem, armazenamento e ativação seletiva da memória.

Na leitura das SQ apresentadas, há, evidentemente, frames que são acionados. Defendo a perspectiva que são frames do mundo social acerca do tema e frames mais específicos do gênero. No caso, incluindo a interseção entre o verbal e o não verbal.

Uma explicação plausível para o acontecimento textual é que os frames podem ser entendidos de forma relacional. No dizer de Morato & Bentes (2013)

“são enquadres cognitivos que se constroem a partir, não apenas de conhecimentos ativados e elaborados conjuntamente, mas pelo enquadramento social dos participantes e do contexto interacional local em que estão inseridos.”

Dessa forma, para o exemplo 1 são acionados os seguintes frames:

Frames acionados para o tema	Frames acionados para o gênero SQ, Mafalda
------------------------------	--

1) A mulher e seu papel na Sociedade;	1) As características da personagem Mafalda;
2) A mulher do século XIX e sua função na sociedade;	2) Representações enunciativas da personagem: ela é uma menina inteligente e crítica.
3) Os avanços da sociedade moderna em termos de tecnologia;	3) A expressão da personagem, sua reação no decorrer do diálogo.
4) A influência desses avanços no novo papel da mulher.	

Quadro 1: Relação de frames acionados

Para a sequência em quadrinhos do exemplo 2 são acionados os seguintes frames:

Frames acionados para o tema	Frames acionados para o gênero
1) A mulher e seu papel na Sociedade;	1) O enquadramento das molduras dos quadrinhos;
2) A possível troca de papéis na sociedade moderna;	2) As respectivas expressões dos personagens pontuadas no decorrer do diálogo.
3) As novas funções da mulher na sociedade.	3) A função desses personagens-tipo nas narrativas.

Quadro 2: Relação de frames acionados pelo tema e pela SQ Mônica

O que se pode observar é que a leitura da SQ é uma leitura rica, de alta complexidade, que, em muito, pode contribuir para o fazer didático no

processo de desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita, pois contempla aspectos extratextuais, intragenéricos, discursivos, portanto, e linguísticos. Em todas as etapas de leitura são acionados os modelos contextuais para que a leitura das informações explícitas e implícitas possam, efetivamente, acontecer.

Acredita-se que uma forma de contribuir com a formação do leitor crítico é chamar-lhe a atenção para os refinamentos e as funções dos constituintes que caracterizam uma SQ como o balão, o apêndice, a calha, a legenda, o símbolo, o plano, o ângulo, as linhas, as metáforas visuais, além da configuração do desenho de um olhar, um gesto, uma vestimenta, um espaço, um tempo, uma atitude.

Em se tratando da arte sequencial, o sentido de uma imagem depende da(s) imagem (s) que sucede(m) ou a precede(m), uma vez que os elementos do eixo paradigmático, ou seja, o eixo da seleção de palavras, ganha sentido(s) na relação sintagmática, ou seja, no eixo da combinação, estabelecida em consonância com a ordenação espacial e a sequência temporal pertinentes a cada discurso materializado no texto narrativo produzido, no caso na sequência em quadrinhos.

Apresento alguns dos recursos não verbais citados nos parágrafos acima, exemplificando-os com algumas sequências em quadrinhos selecionadas. Objetivo ratificar a relação inferências e modelos contextuais.

a) Quadrinho ou vinheta

O quadrinho é a unidade básica da arte quadrinista, delimitada por um signo de contorno. Geralmente, uma linha de traçado contínuo denominado mais comumente como moldura do quadrinho. Esse requadro, na maioria dos exemplos, demarca a figura geométrica de um retângulo, representado em perspectivas diferentes, no eixo horizontal e também no eixo vertical, conforme o exemplo abaixo.

Exemplo 3



www.monalisadepijamas.com.br. Acessado em 05/09/2015.

b) Ausência de requadro

A variedade discursiva- gramatical do gênero SQ é um fator predominante para a riqueza a que nos referimos anteriormente. Nas SQ predomina o requadro, conforme o exemplo 3. Entretanto, diferentemente de outros

gêneros, essa não é uma forma fixa, definida e imutável. Segundo Vergueiro (2008), “É importante ter em mente que os contornos dos quadrinhos não representam uma gaiola da qual nada pode escapar.” Essa ausência não se constitui dificuldade adicional para o leitor. É preciso, no entanto, desenvolver essa habilidade de leitura nos estudantes. Esse *gap* constitui uma pista para a leitura do não verbal. O quadrinista tem esse propósito definido. Assim como no exemplo 2, a falta de moldura no primeiro quadrinho cria uma expectativa inicial importante para o entendimento de leitura, exigindo do leitor estabelecer relações entre o verbal e o não verbal para o entendimento do texto. O mesmo ocorre no exemplo 4, estando a ausência de moldura, nesse caso, no meio da sequência narrativa.

Exemplo 4



A implicância dos personagens masculinos – Cebolinha e Cascão – em relação à personagem Mônica, que, apenas, é citada na história, na fala do primeiro quadrinho, é o mote da SQ, exemplo 4. A ruptura do discurso entre

o primeiro e o terceiro quadrinhos está materializada na ausência da moldura do segundo quadrinho, que mostra o personagem Cascão levantando o braço com se fosse falar. No entanto, sua expressão fisionômica já aponta que há alguma coisa destoante, ainda que o leitor não antecipe essa informação. A ruptura ocorre com o pedido do personagem no terceiro quadrinho. A expressão fisionômica do Cebolinha demonstra sua insatisfação.

c) Formas alternativas de requadro

As formas de requadro em suas alternativas levam a considerar dois aspectos: um com relação à manutenção da linha contínua, dando ao quadro uma geometria diferente do costumeiro retângulo; outro com relação ao tipo de linha selecionado pelo quadrinista, que procura alternativas para o alcance do propósito de sentido desejado, ou, ainda, o fornecimento de uma pista para o leitor, conforme o exemplo a seguir.

Exemplo 5



www.ospassarinhos.com.br acessado em 05/09/2015.

d) O balão

Considerando a predominância da modalidade oral nas sequências em quadrinhos, as SQ estão marcadas pelo discurso direto. O suporte para conter as falas dos personagens dos quadrinhos em seus turnos conversacionais são os balões que possuem um apêndice em forma de flecha, também chamado de rabicho, voltado para a boca do personagem que está falando, por isso é denominado balão-fala. É considerada uma forma- padrão. A partir dele, muitos outros tipos foram surgindo com características imagético-semânticas distintas, passando a compor com a modalidade verbal o grafismo, a iconicidade de estados de espírito; de representações do pensamento, do sono, do pesadelo e de tantas outras manifestações.

Autores que se dedicaram ao estudo dos quadrinhos têm oferecido leitura de diferentes modelagens de balão. Cagnin (1975) se refere ao balão- fala, pensamento, cochicho, berro, trêmulo, de linhas-quebradas, vibrato, glacial, unísono e duplos. Ramos (2009) registra, também, o balão-intercalado, mudo, zero e propõe que se substitua a nomenclatura de balão-duplo por balão-composto, porque há situações em que há mais de três falas seguidas do mesmo personagem.

Apresentamos, apenas, alguns exemplos de balões, mas registramos que os estudos mostram 72 formas de balão. Podem, no entanto, ser encontrados muito mais, em decorrência do pragmatismo de composição de desenho oferecido pelo meio computacional. Vejam-se exemplos a seguir.

Exemplo 6



Losties.com.br. Acessado 05/09/2015.

Verifica-se, no exemplo 6, a presença de balão- duplo, nos quadros 1, 2, 3, indicando a continuidade da fala do personagem.

O não verbal é muito importante na SQ. Além da moldura e dos balões, há diferentes símbolos que marcam, os movimentos dos personagens, por exemplo. Gotinhas, coraçõezinhos e toda a sorte de símbolos que mostram os sentimentos, os pensamentos dos personagens, conforme nosso exemplo 6.



Outro recurso muito importante nas SQ é a denominada onomatopeia. Trata-se de uma figura de linguagem, que procura reproduzir, na escrita, um determinado som. Trata-se de uma tentativa fiel de imitação do som, por isso os teóricos afirmam que ficam entre o verbal e o não verbal.



Figura1- Elaborado pela autora

CONCLUSÃO

Por caracterizar-se como uma sequência narrativa, as SQ e as histórias em quadrinhos atendem às características do tipo de texto narrativo, a saber: presença de personagens, a marcação do tempo, em que, normalmente predomina o cronológico, ou, pelo menos, é um tempo bem marcado na SQ o espaço e a presença do narrador, que é menos frequente, pois predomina o discurso direto.

Van Dijk (2012) afirma que as situações comunicativas podem ser muito complexas, mas os participantes,

os interlocutores precisam transformar essa informação complexa nos termos de umas poucas categorias esquematicamente organizadas, a fim de poder relacionar esses “exemplos” contextuais no processamento do discurso. Para construir os modelos de contexto, segundo o autor, os falantes utilizam poucas categorias, aquelas que são discursivamente relevantes e que são variáveis do ponto de vista cultural. Essas categorias alimentam a capacidade

de abstração nos níveis micro e macro do discurso, do texto, o que possibilita a sua organização e, por conseguinte, a tomada inicial para a compreensão. Ter consciência desse jogo cognitivo pode auxiliar em muito a confecção de materiais didáticos para o ensino de línguas, o ato didático na sala de aula, no que tange ao desenvolvimento da capacidade de leitura e de escrita dos estudantes em qualquer nível de escolaridade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais — terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental. MEC, 1998.
- CAGNIN, Antonio Luiz. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Tradutor: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FILLMORE, C.J. *Frames and semantics of understanding*. *Quaderni di Semantica*, Vol.6, Nº. 2, p.222-254.
- MOYA, Álvaro de. *Shazam!*, São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MORATO, E.& BENTES, A.C. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. V. 55, Nº 1, 2013.
- ROMÁN, C. Ruiz. *Educación Intercultural: una visión crítica de la cultura*. Barcelona: Octaedro, 2012.

SHIBAO, Suely. *A leitura de tiras em quadrinhos: para uma gramática contrastiva do não verbal com o verbal*. Rio de Janeiro, 2012. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Inédita., 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Histórias em Quadrinhos: seu papel na indústria de comunicação de massa*. São Paulo, 1985. Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985.

_____; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na Educação*. São Paulo: Contexto, 2009.